

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CF RÔMULO PEREIRA BAHIA

A Atividade de Inteligência e a sua
importância para o sucesso da Operação Ópera.

Rio de Janeiro

2018

CF RÔMULO PEREIRA BAHIA

A Atividade de Inteligência e a sua
importância para o sucesso da Operação Ópera.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra
Naval, como requisito parcial para a conclusão
do Curso de Estado-Maior para Oficiais
Superiores.

Orientador: CMG (RM1) Luiz Carlos de
Carvalho Roth.

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2018

AGRADECIMENTOS

A Deus, o meu tudo, por me permitir chegar até aqui.

À minha esposa Janaína, pela paciência, compreensão, amor e dedicação a mim nesse período de elaboração deste trabalho. Eu te amo.

Aos meus filhos Henrique, Guilherme e Miguel, minhas maiores riquezas, por me trazerem, diariamente, uma dose transbordante de alegria e amor.

Aos meus pais Pedro e Conceição, instrumento que Deus usou para me trazer até aqui, serei sempre grato pelo amor de vocês e por perdoarem minha ausência durante esse período.

Aos meus sogros, Jair e Joana, pelo carinho e pelo suporte à minha amada esposa e meus filhos durante todo o tempo.

Ao meu orientador, Capitão de Mar e Guerra (RM1) Roth, por compartilhar comigo a necessária parte do seu vasto conhecimento sobre inteligência, trazendo-me sempre ao trilho quando eu tateava por outros rumos. Obrigado, especialmente, pela sua paciência.

Ao Capitão de Fragata (RM1) Nagashima pelas conversas esclarecedoras, pelo seu tempo destinado a ler meus escritos e por me ajudar a deslindar caminhos durante o trabalho.

Aos meus amigos de turma de longo tempo, e aos meus novos amigos da turma CEMOS-2018. Obrigado pelo companheirismo e pelos momentos de demonstração de amizade.

RESUMO

A Operação Ópera foi uma operação deflagrada pelo governo de Israel em 1981 que visava a destruição de Osirak, uma usina nuclear que estava sendo construída em território iraquiano em parceria com o governo francês. O objetivo do trabalho é analisar a participação da atividade de inteligência israelense durante essa operação. A Doutrina Nacional da Atividade de Inteligência foi adotada como arcabouço analítico para este estudo. Em aderência ao apresentado pela doutrina brasileira, Israel desenvolveu ações ligadas ao ramo de inteligência, produzindo conhecimento que permitiram melhores decisões do nível político. Também foram desenvolvidas ações de contrainteligência, impedindo que Iraque e França descobrissem os planos de ataque israelense. Por fim, verificou-se a participação de operações de inteligência por meio da realização de sabotagem, espionagem, terrorismo e interferência externa. O resultado da operação foi, por tudo exposto, um sucesso. As aeronaves israelenses decolaram do deserto do Sinai, atravessaram o espaço aéreo jordaniano e saudita, efetuaram o ataque que destruiu a usina e retornaram para Israel, sem que houvesse nenhuma baixa.

Palavras-chave: Inteligência, contrainteligência, operações de inteligência, doutrina, Israel, Iraque, França, Osirak, usina nuclear, operação ópera.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	OPERAÇÃO ÓPERA	7
2.1	HISTÓRICO	7
2.2	PRENÚNCIO	8
2.3	A DECISÃO ESTRATÉGICA	11
2.4	AS AÇÕES	13
2.4.1	O IRÃ COMO ALIADO	13
2.4.2	OPUGNAÇÃO	14
2.5	O RESULTADO	19
3	A ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA	22
3.1	HISTÓRICO DA ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA	22
3.2	CONCEITOS E DEFINIÇÕES	23
3.3	A ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA NO BRASIL	26
3.3.1	RAMO INTELIGÊNCIA	28
3.3.2	RAMO CONTRAINTELIGÊNCIA	29
3.3.3	OPERAÇÃO DE INTELIGÊNCIA	32
4	A OPERAÇÃO “ÓPERA” SOB A LENTE DA DOCTRINA NACIONAL DA ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA	34
4.1	O RAMO INTELIGÊNCIA NA OPERAÇÃO ÓPERA	34
4.2	O RAMO CONTRAINTELIGÊNCIA NA OPERAÇÃO ÓPERA	36
4.3	OPERAÇÕES DE INTELIGÊNCIA NA OPERAÇÃO ÓPERA	38
4.3.1	ESPIONAGEM	39
4.3.2	SABOTAGEM	40
4.3.3	TERRORISMO	41
4.3.4	INTERFERÊNCIA EXTERNA	42
4.4	O EFEITO DO FATOR SURPRESA	43
5	CONCLUSÃO	44
	REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

“De todos os problemas que hoje se põem ante o mundo civilizado, o mais importante é, sem dúvida, prevenir uma guerra de envergadura maior” (PLATT, 1974, p. 19). Esta afirmativa, no início do primeiro livro de nossa pesquisa, norteou a produção do conhecimento aqui apresentado.

Ao longo deste trabalho analisaremos a ação da inteligência israelense no desencadeamento da operação que culminou com o bombardeio da usina de Osirak. Para nortear este estudo foi formulada a seguinte questão: Teriam as ações de inteligência executadas por Israel, dentro da Operação Ópera, acontecido com aderência ao que prevê a doutrina da Atividade de Inteligência brasileira?

O propósito deste trabalho é, portanto, analisar as ações dos agentes de inteligência israelenses por ocasião da Operação Ópera e investido da doutrina brasileira da atividade, responder à questão acima. A nossa hipótese é que a construção de conhecimento elaborado pela inteligência israelense, a proteção dos dados praticada pela sua contrainteligência e as operações de inteligência desencadeadas tem concordância com os preceitos brasileiros.

Para que o leitor possa melhor compreender o caso, faremos a inversão da lógica de apresentação deste trabalho científico. Apresentaremos o caso e, só então, alguns conceitos relacionados à atividade de inteligência.

No capítulo 2 apresentaremos o caso, envolvendo não só o ataque de Israel ao Iraque mas, principalmente, o seu prenúncio, passando pela decisão estratégica e chegando até as repercussões de curto e longo prazo. É importante que durante esse capítulo, o leitor possa se aperceber das questões envolvendo a atividade de inteligência, objeto principal deste estudo.

No capítulo 3 apresentaremos os conceitos doutrinários acerca da atividade de inteligência, seus ramos e seu mecanismo. Este aprofundamento terá como elemento principal a Doutrina

Nacional da Atividade de Inteligência¹ (doravante chamada de *doutrina*), mas não se aterá a ela.

Em seguida faremos, no capítulo 4, o confronto entre o caso e os conceitos relacionados à atividade de inteligência. Essa verificação será feita, não para identificar se Israel se baseou na doutrina brasileira, o que seria ilógico por várias razões, mas no intuito de descobrir se a doutrina e a ação israelense são aderentes. Abordaremos também a decisão estratégica adotada por Israel e o quão importante foi a assessoria da inteligência nesse processo.

Por fim, no quinto e último capítulo, após a análise realizada, verificaremos que toda a ação de inteligência foi fundamental para a tomada de decisão em atacar a usina de Osirak. Apesar de não ser objeto deste estudo, a conclusão nos apresentará as consequências sentidas pelo Iraque por não poder contar com uma atividade de inteligência eficiente, tanto no seu ramo de inteligência (colhendo as informações do lado israelense) quanto no ramo contrainteligência (não protegendo os seus dados), o que pode vir a ser um bom objeto de pesquisa para um novo trabalho científico.

¹ BRASIL. *Doutrina Nacional da Atividade de Inteligência – Fundamentos Doutrinários*. 2016.

2 OPERAÇÃO ÓPERA

Neste capítulo será apresentada a Operação Ópera desde as ações que a precederam, indo até as repercussões internacionais. Para melhor entendermos as ações de inteligência que propiciaram o seu sucesso, faz-se imprescindível compreender como está disposto o serviço de inteligência israelense.

Raviv (1991)², diz que a tarefa de defender não apenas o Estado, mas também “todo o povo de Israel” é a missão precípua dos Serviços de Inteligência de Israel, que estão assim divididos: MOSSAD (Inteligência Externa, criado em 1951), AMAN (Inteligência Militar, criado em 1949), SHIN BET (Segurança Interna, criado em 1948), Serviço de Ligação (para a Imigração Judaica, criado em 1958), LAKAM (com a função primária de resguardar o programa nuclear secreto e obter dados científicos e tecnológicos no exterior, criado em 1957) e Departamento Político do Ministério do Exterior, criado em 1948.

Com essa compreensão, podemos tentar identificar nos relatos a seguir a participação de cada um desses componentes.

2.1 HISTÓRICO

No dia 07 de junho de 1981, Israel deflagrou a Operação Ópera, também chamada de Operação Babilônia. A Operação consistiu em destruir a usina iraquiana, distante somente 17 km da capital Bagdá, que abrigava um reator nuclear da classe Osiris, uma parceria entre França e Iraque (PERLMUTTER, 2003).

Na verdade, segundo Ivry (2016)³, a operação foi inicialmente chamada de “Colina da

² Extraído do livro *Todo espião um príncipe*: RAVIVI, Dan; MELMAN, Yossi. *Todo espião um príncipe*. 1ª ed. Editora Ímago, Rio de Janeiro: 1991.

³ Em matéria publicada no *The Times of Israel* (TOI) em 06 de junho de 2016, os editores da coluna fizeram uma entrevista com agentes do Mossad e pilotos que participaram do bombardeio em comemoração aos 35 anos do evento. Dentre os entrevistados destacam-se o Maj. Gen. David Ivry, comandante da Força Aérea de Israel por ocasião da Operação Opera, Col. Ze’ev Raz, que liderou o ataque e Gad Shimron, um ex-agente do Mossad. A matéria pode ser acessada pelo endereço: < <https://www.timesofisrael.com/35-years-on-iaf-pilots-recall-daring-mission-to-bomb-saddams-nuke-reactor/> > acessado em 30 de julho de 2018.

Munição”, mas quando o primeiro-ministro Menachem Begin percebeu que o líder da oposição, Shimon Peres (1923-2016), havia descoberto sobre a operação, ele ordenou seu “cancelamento” – e sua continuação sob um novo nome.

Ramberg (2012) afirma que Israel recusou-se a apostar que a dissuasão poderia fazer frente a um Iraque nuclear e, por isso, aplicou uma estratégia multifacetada para deter a construção do reator: diplomacia, campanha da mídia, sabotagem e assassinato. Quando tudo isso não surtiu o efeito desejado, o ataque foi a única solução.

O que veremos nesse capítulo é que esta operação esteve alicerçada, do início ao fim, por ações de inteligência, planejadas e executadas, principalmente, pelo Mossad⁴.

2.2 PRENÚNCIO

O Iraque havia estabelecido um programa nuclear em algum momento na década de 1960 e, em meados da década de 1970, procurou expandi-lo por meio da aquisição de um reator nuclear. (PERLMUTTER, 2003, p. 40). Segundo Weissman (1981), os serviços de inteligência de Israel vinham acompanhando a cooperação nuclear entre Paris e Bagdá desde 1974. Shimron (2016) disse que o Mossad reuniu grandes quantidades de informações sobre o andamento da construção do reator Osirak. Disse ainda que nesse período o Mossad recrutou informantes dentre os cientistas que trabalhavam no projeto e, com isso, mantiveram acompanhamento de sua evolução.

Em 1970, a França era um dos principais parceiros comerciais do Iraque. Os laços diplomáticos e econômicos receberam um impulso crucial em 1974, quando o então primeiro-ministro francês, Jacques Chirac⁵ (1932-), chamou Saddam Hussein⁶ (1937-2006) de

⁴ Mossad é o serviço secreto do Estado de Israel, com sede em Tel Aviv. O Mossad foi formado em 13 de dezembro de 1949, a partir do Instituto Central de Coordenação e do Instituto Central de Inteligência e Segurança.

⁵ Foi primeiro-ministro da França, de 1974 a 1976 e de 1986 a 1988. Foi também o vigésimo segundo presidente da França, de 1995 a 2007. Como presidente, foi também co-príncipe de Andorra, por inerência.

⁶ Foi um político e estadista iraquiano; foi o quinto presidente do Iraque, de 16 de julho de 1979 a 9 de abril de 2003, e também acumulou o cargo de primeiro-ministro nos períodos de 1979–1991 e 1994–2003.

“amigo pessoal”; seu governo concordou em construir um reator nuclear experimental perto de Bagdá (BBC, 1998)⁷.

Em tratativas secretas com a França, o governo iraquiano havia manifestado interesse inicial num reator a gás-grafite de 500MW, que seria capaz de produzir grandes quantidades de plutônio, ideal para obtenção de armas nucleares. A França, no entanto, teria rejeitado a proposta e oferecido seja um reator de 70 MW para fins de pesquisa, porém alimentado por urânio enriquecido, seja um reator mais potente de água leve do tipo proliferation-resistant. A opção de Saddam Hussein pelo primeiro seria interpretada, por Israel, como reveladora sobre o interesse na aquisição de material fissil e não na produção de energia. O Iraque ainda tentou, sem sucesso, convencer a Itália a vendê-los um reator de Cirene. Por isso, decidiu comprar do governo francês um reator de pesquisa da classe Osiris (PERLMUTTER, 2003, p. 41-42). De acordo com Stockman-Shomron (1985), a compra também incluiu um reator menor do tipo Isis, 72 quilos de urânio enriquecido a 93% e o treinamento de pessoal.

Apesar das inúmeras afirmações de que o projeto seria para fins pacíficos, Brands (2011) é categórico em afirmar que em reuniões privadas com assessores entre 1978 e 1981, Hussein, repetidamente, declarou a necessidade de adquirir armas nucleares para enfrentar Israel.

A construção da usina foi iniciada em 1979 no Al Tuwaitha Nuclear Center, que ficava a cerca de 17 km de Bagdá (ALONI, 2006, p.35). O reator foi batizado pelos franceses de Osirak, numa alusão da junção do nome da classe de reatores, Osiris, e Irak. Já para o governo iraquiano, este reator recebeu o nome de Tammuz (PERLMUTTER, 2003, p. 46).

O Relatório de Washington sobre Assuntos do Oriente Médio⁸ (WRMEA, 1995), afirma que, pelo menos desde 1979, o Mossad travava uma guerra secreta destinada a interromper o programa nuclear do Iraque. A campanha foi realizada sob o nome de Operação Esfinge⁹. A

⁷ Parte da reportagem publicada em 1998, no site da BBC, na coluna “decision makers and diplomacy”.

⁸ Washington Report on Middle East Affairs.

⁹ Entre 1978 e 1981 o Mossad esteve envolvido na Operação Sphinx (Esfinge) através do recrutamento de cientistas iraquianos na França. Em 05 de abril de 1979, o Mossad destruiu 60 por cento dos componentes do reator iraquiano construído na França. Uma organização ambiental chamada "Groupe des français écologistes", que ninguém nunca ouviu falar antes deste incidente, reivindicou o crédito para a explosão.

operação começou em 5 de abril de 1979, quando três detonações de bombas nas instalações nucleares da empresa francesa de Construções Navais e Industriais de Méditerranée, em La Seyne-Sur-Mer, perto de Marselha, explodiram núcleos de reatores que seriam enviados para as instalações do Iraque, atrasando o programa do Iraque em, pelo menos, meio ano. Já Shimron (2016), afirma que o objetivo inicial da inteligência era retardar a conclusão do reator e averiguar se um reator iraquiano em pleno funcionamento teria a tecnologia necessária para a produção de plutônio. Ivry (2016) disse que o trabalho do Mossad atrasou a conclusão do reator iraquiano em até dois anos e meio.

Em 13 de junho de 1980, o Dr. Yahya Meshad (1932-1980), um físico nuclear egípcio que trabalhava para a Comissão de Energia Atômica do Iraque, foi morto em seu quarto de hotel em Paris. Meshad estivera na França examinando o urânio altamente enriquecido que estava prestes a ser enviado como o primeiro combustível para o reator do Iraque e, de acordo com um desertor do Mossad chamado Victor Ostrovsky¹⁰ (1949-), foi vítima dos agentes do próprio Mossad. Dois meses depois, iniciando em 2 de agosto, uma sequência de explosões aconteceram nos escritórios e residências de funcionários dos principais fornecedores do Iraque, na Itália e na França: SNIA-Techint, Ansaldo Mercanico Nucleare e Techniatome. As três empresas estavam abastecendo o Iraque com um reator e células quentes e seus funcionários e trabalhadores, antes dos atentados, foram assediados por cartas ameaçadoras (WRMEA, 1995).

2.3 A DECISÃO ESTRATÉGICA

Segundo Perlmutter (2003), as discussões em Israel sobre qual estratégia adotar em resposta ao desenvolvimento do reator iraquiano estavam ocorrendo logo desde o primeiro mandato de Yitzhak Rabin (1974-1977), tendo o planejamento e o treinamento para a operação iniciado

¹⁰ Victor John Ostrovsky é um autor e ex-katsa (oficial de caso) do Mossad israelense. Ele escreveu dois livros de não-ficção sobre seu serviço no Mossad: *By Way of Deception*, best-seller do New York Times em 1990, e *The Other Side of Deception* vários anos depois.

ainda durante esse período. Menachem Begin, tão logo se tornou primeiro-ministro de Israel (1977-1983), autorizou a construção de um modelo em escala real do reator iraquiano para que os pilotos israelenses pudessem praticar o bombardeio (SIMONS, 1996, p. 320).

Conjuntamente, Israel continuava tentando convencer França e Itália a interromperem o apoio ao Iraque. Begin, considerando infrutíferas as opções diplomáticas, temia que o prolongamento da decisão de atacar a usina levasse a uma incapacidade fatal de agir em resposta à ameaça percebida. Por isso, na primavera de 1979, já estava decidido a efetuar o ataque de forma preventiva (MUELLER, 2006, p.215).

Ramberg (2012) faz uma descrição dos passos planejados e executados por Begin na tentativa de impedir o funcionamento de Osirak. O primeiro movimento de Begin foi uma tentativa genuína de diplomacia, mas ele estava disposto a abandonar essa abordagem se fosse um “beco sem saída”. Esse acabou sendo o caso, pois a França não foi influenciada por repetidos argumentos israelenses para pôr fim à exportação de Osirak.

Continuando sua narrativa, Ramberg (2012) conta-nos que o próximo passo foi constranger a França publicamente. Israel vazou informações para a mídia que caracterizou Osirak como uma caixa de Pandora de armas nucleares. Com o tempo, Israel ameaçou avisar que a diplomacia fracassada poderia trazer “outras ações”. Quando a diplomacia parou, Israel voltou-se para sabotagem e assassinato, conforme já apresentados nesse trabalho.

Conta-nos Ramberg (2012) que em 14 de outubro de 1980, Begin convocou seu gabinete de segurança. No intenso debate que se seguiu, o vice-primeiro-ministro Yigael Yadin (1917-1984), o chefe da inteligência militar, general Yehoshua Saguy (1933-), e outros questionaram a capacidade do Iraque de construir uma arma nuclear e a viabilidade de um ataque bem sucedido, prevendo consequências políticas negativas graves de um ataque dentro e fora do mundo árabe. No entanto, a decisão acabou sendo de Begin.

Um dos fatores que levaram Begin a ser tão enfático em relação à postura a ser adotada contra

o Iraque é que, segundo Nakdimon (2006), “ao lado da Líbia de Muammar Gaddafi¹¹ (1942-2011), Begin via o Iraque como o adversário mais irresponsável que Israel enfrentava” (tradução nossa)¹². A concepção bélica da usina ficou clara para Israel quando, após ter sido atacada por aviões iranianos em setembro de 1980, Saddam declarou que o esforço nuclear foi dirigido contra “o inimigo sionista”, não o Irã (CORREL, 2012).

Segundo Raas (2007), em outubro de 1980, o Mossad informou a Begin que o reator Osirak seria abastecido e operaria em junho de 1981. Fortalecendo esta informação, Ze'ev Raz, que era o líder da força de ataque que bombardeou o reator nuclear iraquiano, afirmou em entrevista ao The Jewish Press, em 2007, sobre a decisão de Begin: “Ele aprovou o ataque [...] por causa do que ouviu da nossa Inteligência. Eles disseram, ‘Escute, se você vai esperar até 1982, o reator estará quente e ativo e haverá muita radiação [...], então limpe-o agora...’” (tradução nossa).¹³

Claire (2004) capturou assim esse momento:

Depois das horas de debate e brigas, Begin levantou-se e olhou para baixo da mesa, seus olhos escuros piscando do rosto de um membro do gabinete para o seguinte. Alguns desses homens que ele conheceu por quatro décadas lutaram contra os britânicos em 47. Ele colocou as duas mãos na borda da mesa e se inclinou para o general e ministro ... e anunciou: “Não haverá outro Holocausto neste século! Nunca. Nunca mais!” Os ministros permaneceram em silêncio. Ninguém se atreveu a se opor a ele (tradução nossa).¹⁴

¹¹ Muammar Mohammed Abu Mínyar al-Gaddafi foi um militar, político, ideólogo e ditador líbio, sendo o chefe de estado do seu país entre 1969 e 2011.

¹² Do original em hebraico e traduzido por aplicativo: לצד לובו של מועמר קדאפי, ראה בגין את עיראק כמתנגדת חסרת האחריות ביותר לישראל.

¹³ Do original em inglês: He approved the attack [...] because of what I heard our Intelligence tell him. They said, ‘Listen, if you’re going to wait until 1982 the reactor will be hot and active and there will be a lot of radiation [...], so wipe it out now ...

¹⁴ Do original em inglês: After the hours of debate and squabbling, Begin stood and looked down the table, his dark eyes flickering from the face of one cabinet member to the next. Some of these men he had known for four decades, had fought next to against the British in ’47. He put both hands on the edge of the table and leaned in toward the general and minister...and announced, “There will be no other Holocaust in this century! Never. Never again!” The ministers remained silent. No one dared oppose him.

2.4 AS AÇÕES

2.4.1 O IRÃ COMO ALIADO

Antes de empregar suas próprias forças, Israel tentou beneficiar-se da guerra Irã x Iraque (22 de setembro de 1980 – 20 de agosto de 1988), de modo que o Irã fizesse o bombardeio. Nesse sentido, Yehoshua Saguy, diretor da Diretoria de Inteligência Militar Israelense, pediu publicamente aos iranianos que bombardeassem o reator (COOPER, 2004).

Ainda segundo Cooper (2004), o Irã atacou o local em 30 de setembro de 1980, logo após o início da Guerra Irã-Iraque (1980-1988). O ataque não destruiu a usina mas teve os seguintes resultados:

- Atraso para o início da operação devido à saída dos engenheiros e técnicos franceses (que só retornaram em fevereiro do ano seguinte para iniciar as obras de restauração da usina).
- O Iraque reforçou estruturalmente a usina e instalou proteção com bateria antiaérea.

Além dos resultados apontados acima, Parsi (2007) escreve que uma importante autoridade israelense se encontrou com um representante do aiatolá Khomeini (1902-1989)¹⁵ na França um mês antes do ataque israelense. Na suposta reunião, os iranianos explicaram detalhes do ataque realizado em 1980 e concordaram em permitir que aviões israelenses aterrissassem em um aeródromo iraniano em Tabriz em caso de emergência. Embora o novo governo iraniano fosse oficialmente hostil a Israel, o fato de ambos os países terem um inimigo comum (Iraque) e o medo iraniano de que os iraquianos criassem uma bomba atômica, eles trabalharam clandestinamente com Israel para impedir tal desenvolvimento.

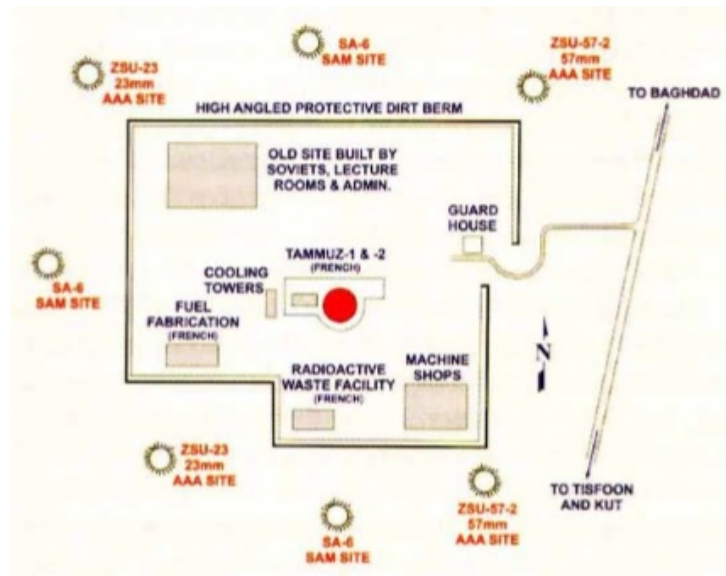
2.4.2 OPUGNAÇÃO

Gary (2010) destaca o fato de que os aviões israelenses teriam que violar o espaço aéreo da

¹⁵ O Aiatolá Sayyid Ruhollah Musavi Khomeini foi uma autoridade religiosa xiita iraniana, líder espiritual e político da Revolução Iraniana de 1979 que depôs Mohammad Reza Pahlavi, na altura o xá do Irã.

Jordânia e / ou da Arábia Saudita, em um voo secreto, sobre território estrangeiro, inviabilizando o reabastecimento no ar.

Além disso, Vargas (2013) alerta que os obstáculos para a operação eram imensos: a distância (mais de 2.000 km entre ida e volta) e um alvo bem defendido por aeronaves MiG-23 iraquianos, baterias antiaéreas quádruplas de 23 mm, duplas de 57 mm e cinco baterias com 60 mísseis terra-ar SA-6, capazes de abater um avião entre 30 e 12.000 m de altitude (ver fig. abaixo).



Os israelenses finalmente concluíram que um esquadrão de F-16A, altamente abastecidos e fortemente armados, com um grupo de F-15A para fornecer cobertura aérea e suporte de caça, poderia realizar um ataque cirúrgico para eliminar o local do reator sem necessidade de reabastecimento (EITAN, 2003).

Cooper (2004) descreve que após a aprovação da Operação Opera, os israelenses começaram a planejar sua missão contra Osirak. No entanto, os israelenses precisavam de informações fotográficas sobre o layout da planta. Essa tarefa, supostamente, caiu para os iranianos. Em vez de realizar um ataque aéreo após o ataque de setembro, em 30 de novembro de 1980, um

jato de reconhecimento iraniano tirou fotos do reator Osirak. As fotografias foram supostamente colocadas em um recipiente de metal ultrassecreto e entregue aos israelenses. Com essas fotografias, os israelenses começaram a planejar a Operação Opera.

Cooper (2004) continua sua narrativa contando que os israelenses realizavam missões de reconhecimento em áreas do sul e oeste do Iraque, com aviões F-4 Phantom, os mesmos usados pelo Irã, o que fazia com que os pilotos iraquianos pensassem que estavam perseguindo pilotos do Irã, já que era contra aquele país que estavam guerreando. Durante essas missões, foi descoberto pelos israelenses que havia uma região de sombra dos radares¹⁶ iraquianos no setor próximo à Arábia Saudita. O governo iraquiano decidiu ignorar esta região de sombra dos radares devido ao fato de não esperar entrar em conflito contra a Arábia Saudita.

A Força Aérea Iraquiana era uma ameaça em potencial para os israelenses. No entanto, em 4 de abril de 1981, a Força Aérea Iraniana lançou um grande ataque à base aérea H-3 do Iraque na parte ocidental do país (perto da Jordânia e Israel). Entre as aeronaves atingidas estavam dois Tu-22 Blinder e três Tu-16 Badger, bombardeiros estratégicos que poderiam ter sido usados para retaliar Israel em caso de um ataque. Aviões de reconhecimento israelenses estavam monitorando o Iraque durante o ataque e observaram que a Força Aérea Iraquiana havia sido severamente degradada e que sua capacidade de retaliação havia sido enfraquecida (COOPER, 2004).

Como parte da preparação para o ataque, ocorreram treinamentos sobre a réplica da usina construída para esse propósito. Esses ataques simulados identificaram que, apesar da chegada em voo rasante, as bombas deveriam ser lançadas de ângulos entre 30 e 40 graus para que pudessem penetrar a espessa cúpula de concreto do reator. As espoletas foram preparadas para detonar após a passagem do último avião, o que possibilitaria a filmagem do alvo¹⁷ e evitaria

¹⁶ Define-se sombra do radar como sendo uma região em que não se é possível a detecção de alvos, seja por problemas do equipamento ou pelas características do relevo.

¹⁷ É possível assistir algumas dessas filmagens no endereço: <<https://www.youtube.com/watch?>

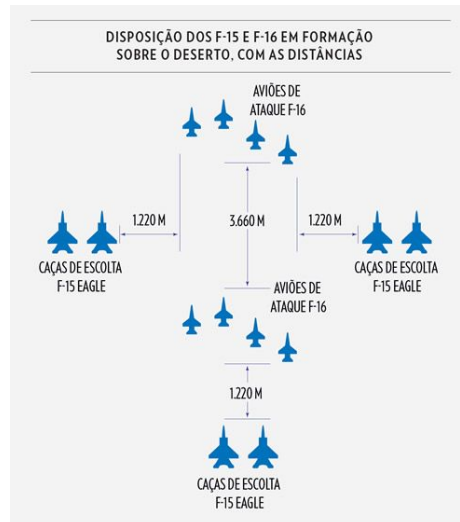
que os últimos a passar fossem atingidos por destroços (VARGAS, 2013).

Correl (2012) detalha que a ação era mantida em segredo até mesmo para os pilotos que iam executá-la. Doze pilotos israelenses treinaram em F-16 em Hill AFB, Utah, antes mesmo dos EUA entregarem a primeira aeronave. De volta a Israel, eles fizeram exercícios à baixa altura e longa distância. Eles não foram informados sobre a missão que estavam treinando, mas era fácil adivinhar.

Ainda sobre ao rigor do sigilo da operação, Correl (2012) conta-nos que os F-16 e F-15 foram posicionados na Base Aérea de Etzion, na Península do Sinai, de onde o ataque seria lançado. Linhas telefônicas da base, exceto algumas para uso oficial, foram cortadas. Equipes de terra e técnicos não foram informados sobre qual era a missão.

O ataque fora planejado para um domingo a fim de aproveitar um dia de pouco movimento das instalações, numa tentativa de evitar perdas de vidas humanas desnecessariamente. Entretanto, as equipes francesas e italianas cumpriam o período de descanso iraquiano que era às sextas-feiras, e não aos domingos (SIMONS, 1996).

A esquadrilha foi composta catorze aviões (conforme figura abaixo), sendo oito F-16, que seriam os responsáveis por efetuarem o ataque, cada um com duas bombas Mk 84 de 2.000 libras e seis aviões F-15 que acompanhavam a formação, cobrindo a retaguarda e os flancos, prontos para intervirem contra os MiG-23 iraquianos ou até os F-15 da Arábia Saudita. Segundo Correl (2012), Israel havia conseguido a informação de que uma cúpula de concreto de 60 pés de espessura cobria o reator Osirak. Se fosse lançada conforme planejada, uma bomba de 2.000 libras seria o suficiente para atravessá-la facilmente.



Um sétimo F-15 biplace sobrevoava a Arábia servindo como piquete rádio¹⁸. No ar também estavam um avião-radar Hawkeye E-2C, um Boeing 707 monitorando as comunicações na região, um Hércules KC-130 de reabastecimento e helicópteros Sikorsky CH-53 de resgate. Os CH-53 decolaram uma hora antes para que pudessem estar próximos de Bagdá no momento do ataque. O tempo estava claro, mas acima de 30.000 pés (9.000 metros) esteiras de condensação¹⁹ denunciariam a esquadrilha. Entre os pilotos, a expectativa era de duas baixas entre os F-16 (VARGAS, 2013). Confirmando esta expectativa, Arye Naor (1940-), secretário do governo de Begin no período, disse que estimava-se que um ou dois jatos não retornariam. Além disso, os pilotos escalados para participar da missão receberam a moeda iraquiana, caso ficassem presos em solo iraquiano e precisassem fugir²⁰.

Eitan (2003) narra que os aviões decolaram às 15h55 da Base Aérea de Etzion, localizada na península do Sinai. Para chegarem ao alvo tiveram que cruzar o espaço aéreo da Jordânia e da Arábia Saudita.

Fruto de conhecimentos adquiridos durante a preparação, Simons (1996) conta que para evitar

¹⁸ Uma aeronave em piquete rádio está disposta mais afastada da formação a fim de servir como “ponte” para as transmissões rádio de interesse da esquadrilha.

¹⁹ Esteiras de condensação são nuvens lineares formadas pela condensação dos gases de exaustão dos motores das aeronaves a elevadas altitudes.

²⁰ Em entrevista ao TOI em 2016.

a detecção, os pilotos israelenses conversaram em árabe com sotaque saudita enquanto estavam no espaço aéreo jordaniano e disseram aos controladores aéreos jordanianos que eles eram uma patrulha saudita que havia saído do curso. Enquanto sobrevoavam a Arábia Saudita, eles fingiam ser jordanianos, usando sinais de rádio e formações jordanianas.

Após a decolagem, conta-nos Eitan (2003) que os aviões sobrevoaram o Golfo de Aqaba, onde o rei Hussein²¹ (1935-1999) da Jordânia estava em seu iate. Sendo também um piloto, reconheceu rapidamente as aeronaves israelenses e de pronto imaginou para onde estavam indo. Então Hussein imediatamente contatou seu governo e ordenou que um aviso fosse enviado aos iraquianos. No entanto, devido a uma falha de comunicação, a mensagem nunca foi recebida pelos iraquianos e os aviões israelenses entraram no espaço aéreo iraquiano sem serem detectados. Essa explanação condiz com o relato de Ze'ev Raz em entrevista ao The Jewish Press (2007):

Aqui está outra coisa inexplicável: o rei Hussein estava de férias em Aqaba e nos viu a caminho do Iraque. Ele imediatamente telefonou para Amman – nossa inteligência pegou toda a conversa então – e relatou a eles. Mas esses idiotas ignoraram e não fizeram nada (tradução nossa).²²

Eitan (2003) num relato detalhado, diz que ao chegar ao espaço aéreo iraquiano, o esquadrão de ataque desceu para 30 m sobre o deserto do Iraque, tentando voar sob o radar das defesas iraquianas. Às 18:35, hora local, a 20 km do complexo do reator Osirak, a formação do F-16 subiu para 2.100 metros e mergulhou em um mergulho de 35 graus a 1.100 km / h, visando o complexo do reator. A 1.100 m, os F-16 começaram a lançar as bombas Mark 84 em pares, em intervalos de 5 segundos. Vargas (2013) ainda acrescenta aos detalhes que das dezesseis bombas, oito abrem rombos na cúpula do reator, outras atingem o pátio e instalações próximas. Duas erram o alvo, sendo que uma não explode. Ainda segundo Vargas (2013), informações dão conta de que o Mossad instalara uma baliza de navegação nas proximidades

²¹ Hussein bin Talal foi o Rei da Jordânia de 1952 até sua morte, em 1999.

²² Do original em inglês: Here is another inexplicable thing: King Hussein was vacationing in Aqaba and saw us on our way toward Iraq. He immediately phoned Amman – our intelligence picked up the whole conversation then – and reported it to them. But those idiots ignored it and didn't do anything.

da usina para auxiliar os jatos. Reiter (2005) detalha que todo o ataque durou menos de dois minutos.

Vargas (2013) conta que o regresso fora feito de forma muito cuidadosa devido ao pouco combustível remanescente. Destaca as palavras tiradas de uma entrevista de Raz, líder da esquadrilha: “Estávamos maravilhados por todos termos pousado sem um arranhão sequer”. A execução da operação havia sido um sucesso.

2.5 O RESULTADO

Em uma matéria divulgada pela rede BBC no dia seguinte²³, o governo israelense, em nota, explica suas razões para o ataque afirmando que as bombas que seriam produzidas eram de tamanho similar à de Hiroshima, sendo um “perigo mortal” para o povo de Israel.

O bombardeio do reator foi condenado pela comunidade internacional. A França, especialmente, ficou furiosa, tendo investido grandes quantias de dinheiro em sua construção (TOI, 2016).

Grinspan (2006), em artigo publicado no *American Heritage*, analisa que os efeitos a curto prazo foram negativos, uma vez que passava a imagem de uma política externa de Israel beligerante e uma política comercial estadunidense fraca, já que os F-16 foram vendidos, exclusivamente, para defesa. Mesmo assim, o presidente dos Estados Unidos da América (EUA) Ronald Reagan (1911-2004) teria chamado o ataque de “um bombardeio fantástico”. Neff (1995) conta que Reagan disse em entrevista: “Israel pode ter acreditado sinceramente que foi uma medida defensiva”.

Segundo Correl (2012) o Iraque e a França fizeram reclamações duras, além da ex-União Soviética e alguns países árabes. Um editorial do *New York Times* afirmou: “O ataque furtivo de Israel contra um reator nuclear construído na França perto de Bagdá foi um ato de agressão

²³ O artigo pode ser acessado no sítio:
<http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/june/7/newsid_3014000/3014623.stm>

indevida e míope”. Imediatamente, os EUA suspenderam as entregas de F-16 a Israel “por enquanto”. As vendas foram retomadas em setembro do mesmo ano.

Bobby Inman (1931-), o homem número dois da Agência Central de Inteligência (CIA), foi menos tolerante. Ele percebeu que os aviões de guerra israelenses não poderiam ter voado até o alvo sem terem sido guiados por fotografias aéreas fornecidas por satélites espões dos EUA. Sob um arranjo secreto elaborado com inteligência israelense pelo diretor da Inteligência Central William J. Casey, Israel teve acesso à fotografia de satélite dos EUA. No entanto, Inman sabia que o acesso seria limitado a áreas que apresentassem potenciais “ameaças diretas” a Israel, nas palavras de Inman. Quando ele descobriu que Israel havia extraído material em áreas tão distantes como Iraque, Líbia e Paquistão, ele decidiu limitar seu acesso a fotografias que cobrem áreas a mais de 250 quilômetros da fronteira de Israel, reduzindo a inteligência de satélite de Israel a seus vizinhos imediatos (NEFF, 1995).

Por outro lado, havia os que estavam felizes com o ataque. A maioria da comunidade judaica americana estava em êxtase. Bob Dylan (1941-) zombou do alvoroço contra Israel em sua música “Neighborhood Bully”. Dylan (1983) cantou: “Old women condemned him, said he should apologize / Then he destroyed a bomb factory, nobody was glad / The bombs were meant for him”²⁴ (GRINSPAM, 2006).

Pelo lado iraquiano, Correl (2012) conta que Saddam ordenou a execução do comandante da zona de defesa aérea e todos os oficiais em seu comando a partir do posto de major, além de parte da sua inteligência. Vinte e três outros oficiais e pilotos foram enviados para a prisão.

Em que pese as imediatas reações negativas da comunidade mundial, Grinspan (2006), analisa que, a longo prazo, e avaliando-se as atitudes de Saddam Hussein, principalmente nas décadas de 1980 e 1990, Israel adotou a postura correta diante da ameaça. Não só para seu povo, mas também para os países do entorno estratégico. Em sua análise, Grinspan considera o Irã o

²⁴ Em tradução nossa: Velhas o condenaram, disseram que ele deveria se desculpar. / Então ele destruiu uma fábrica de bombas, ninguém estava feliz / As bombas foram feitas para ele.

maior beneficiado, já que as consequências da guerra Irã x Iraque poderia ter sido devastadora, caso Saddam conseguisse seu intento de produzir artefato nuclear.

Ivry (2016) lembrou que em 1991, o então secretário de Estado dos EUA, Dick Cheney (1941-), deu a ele uma foto aérea em preto e branco do reator bombardeado em ruínas. Cheney escreveu na foto: “Facilitou muito o nosso trabalho”. O gesto silencioso e não público foi feito após o fim da primeira Guerra do Golfo.

3 A ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA

3.1 HISTÓRICO DA ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA

Interesses econômicos e políticos sempre exigiram informações privilegiadas e sensíveis²⁵ que apresentassem particularidades sobre o que se pretendia explorar, dominar ou salvaguardar. Essas informações eram protegidas pelo detentor e cobiçadas por seus concorrentes. Esse jogo de interesses gerou ambiente propício para a atuação de serviços secretos (DOUTRINA, 2016, p. 15).

Dulles, (1963) relata que já no século XV, as cidades-estados italianas abriram embaixadas no exterior, das quais os enviados obtinham informações estratégicas e em cujas bases estabeleceram-se redes regulares de espionagem.

Voltando ainda mais no tempo, podemos identificar a primeira ação da inteligência israelense já documentada. Consta na Bíblia Sagrada, no capítulo 13, do livro de números:

“E falou o SENHOR a Moisés, dizendo: ‘Envia homens que espieem a terra de Canaã, que eu hei de dar aos filhos de Israel; de cada tribo de seus pais enviareis um homem, sendo cada um príncipe entre eles’. E enviou-os Moisés do deserto de Parã, segundo a ordem do Senhor; todos aqueles homens eram cabeças dos filhos de Israel.”. Mas, antes de enviá-los, Moisés definiu perfeitamente o serviço que deveriam executar, a fim de colherem os dados de interesse para a decisão estratégica de invadir a Terra Prometida. “Enviou-os, pois, Moisés a espiar a terra de Canaã; e disse-lhes: ‘Subi por aqui para o lado do sul, e subi à montanha: E vede que terra é, e o povo que nela habita; se é forte ou fraco; se pouco ou muito. E como é a terra em que habita, se boa ou má; e quais são as cidades em que eles habitam; se em arraiais, ou em fortalezas. Também como é a terra, se fértil ou estéril; se nela há árvores, ou não; e esforçai-vos, e tomai do fruto da terra. E eram aqueles dias os dias das primícias das uvas.’”

Na ação acima fica clara a função da inteligência: colher os dados, para produção de conhecimento que possibilitem a melhor decisão estratégica do seu governante. Ou, como diz Roth (2009): “estabelecimento do repertório de conhecimentos necessários, ou necessidade de inteligência²⁶”.

²⁵ Entende-se por sensibilidade a propriedade de determinada matéria ou ação poder gerar tensões ou prejuízos, caso seja indevidamente revelada e explorada.

²⁶ Necessidade de inteligência é “o conjunto de dados e/ou informações que um elemento decisor precisa ter à sua disposição a fim de poder tomar a decisão mais adequada”. (ABRAIC Glossário de Inteligência Competitiva).

3.2 CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Para efeito de padronização de nomenclatura, adotaremos a interpretação da palavra *intelligence*²⁷ conforme nos propõe a Doutrina. Ou seja, quando em outras obras aparecer o termo *intelligence*, este autor o traduzirá para “conhecimento”, ainda que a tradução original da obra o faça com outro termo.

Sobre o conhecimento, Platt (1974) vem enaltecer o seu valor mostrando que é muito mais do que o informe bruto, mas uma informação lapidada pelo profissional da comunidade de inteligência. Sobre a informação, Platt ainda demonstra um conceito de informação estratégica, definindo-o como o conhecimento referente às possibilidades, vulnerabilidades e linhas de ação prováveis das nações estrangeiras.

A doutrina (2016) apresenta um crescente lógico para os conceitos de conhecimento. As formas racionais de conhecer que atuam no plano do conhecimento incluem a ideia, o juízo e o raciocínio. Essas formas destacam-se por serem decisivas para a produção do conhecimento, pois compõem o conteúdo que versa sobre o real e que pode ser, então, articulado pela linguagem.

A ideia (conceito) é concebida como uma representação conceitual, ou seja, uma imagem não sensível da realidade. O juízo é formulado como uma relação entre ideias, compondo uma proposição ou asserção sobre algum objeto real ou ideal, tratando de suas relações ou ações.

Um juízo associa duas ideias por meio de verbos e é manifesto por uma proposição (afirmação ou negação). Assim, o juízo é, necessariamente, uma forma de expressar um pensamento, atribuindo ideias universais a objetos particulares a fim de descrevê-los.

O raciocínio é elaborado por meio de uma operação pela qual a mente, a partir de juízos conhecidos, alcança outro que deles decorre logicamente. Trata-se de um processo sofisticado

²⁷ A revisão doutrinária efetuada à época pós regime militar contemplou o conceito referencial em inglês *intelligence*, que expressa a ideia de “saber estratégico”. Para transmitir essa ideia, optou-se por adotar, na tradução ao português, o termo “conhecimento”, que designa o produto da Atividade de Inteligência. O termo “Inteligência”, tradução literal do original em inglês, passou a ser empregado pela comunidade de Inteligência nacional, no início da década de 1990, para se referir à Atividade e a seu aspecto organizacional.

de pensamento que revela propriedades ou relações sobre o objeto que não estão disponíveis à sensibilidade.

Em termos discursivos, o raciocínio estabelece ou infere uma conclusão. Nesse caso, os juízos dos quais parte o raciocínio embasam a conclusão, ou seja, são suas razões. A articulação de raciocínios complexos pode gerar formas ainda mais sofisticadas do conhecimento racional, que são: a hipótese, a tese e a teoria (DOUTRINA, 2016).

O último estágio do processo de conhecimento é composto pelas formas racionais de conhecer. Esse estágio permite a aquisição do conhecimento como um produto acabado capaz de exercer influência sobre o pensamento e a ação. O conhecimento como produto é aquele que foi processado e que, por isso, pode ser exteriorizado na forma oral ou escrita (DOUTRINA, 2016).

O conceito sobre verdade é outro de fundamental compreensão. A Doutrina (2016) diz que a verdade consiste na concordância do conteúdo do pensamento com o objeto. É atributo que expressa a correta relação entre o conteúdo do pensamento do sujeito e o objeto. O critério da verdade é a evidência imediata. A evidência é a clara identificação das características essenciais do objeto, considerando a forma como ele se manifesta na realidade. Por esse critério, os juízos são baseados na imediaticidade da presença do objeto ao qual eles se referem. A evidência permite que coisas e eventos sejam determinados como fatos, isto é, como objetivamente passíveis de verificação, constatação e confirmação.

Já Platt (1974, p.58) nos apresenta o conceito de “Verdade Oportuna e Bem Apresentada”. Ele diz que esse conceito sintetiza muito bem a essência do que chama de “boa Informação”. A Verdade, naturalmente, é fundamental na Informação e o profissional de inteligência deve ter o cuidado de nunca superestimar, subestimar ou cobrir-se demais ao apresentar uma situação. Da mesma forma, oportunidade tem relação com o tempo. O valor de quase todos os documentos está em sua utilidade – direta ou indireta – com vistas à Segurança Nacional. A

utilidade de uma Informação está intimamente ligada à sua oportunidade. O valor de qualquer Informação deprecia-se rapidamente com o tempo. “Bem Apresentada” é a noção final e vital. Informações verdadeiras e oportunas, muitas vezes, não atingem sua finalidade por não serem lidas, entendidas ou acreditadas. Na apresentação, merecem cuidado especial a simplicidade e a clareza – legibilidade, gráficos e ilustrações. Deve-se deixar evidente ao leitor o nosso grau de certeza ou incerteza e pôr em relevo a importância dos fatos relatados.

Na direção oposta à verdade, a Doutrina (2016) vem nos trazer o conceito de erro. Se a verdade é a conformidade do conteúdo do pensamento com o objeto, o erro é a não conformidade entre eles. Se a evidência é critério da verdade, a ilusão da evidência conduz ao erro. Portanto, o erro é a ilusão da verdade.

Perante essa verdade, a doutrina (2016) nos mostra que há uma relação entre a nossa mente e a realidade. Quando nessa relação a mente concorda integralmente que a imagem por ela mesma formada corresponde ao objeto, dá-se o nome de certeza. Quando essa conformidade é apenas parcial, chamamos de opinião. Já quando a relação entre mente e realidade se mostra incapaz de optar por uma imagem entre imagens alternativas do objeto, intitulamos de dúvida. E, por fim, quando a mente se encontra em estado puramente nulo em relação ao objeto denominamos ignorância.

A temporalidade é também fator importante no estabelecimento das relações de conhecimento. O tempo presente caracteriza um recorte da manifestação de objeto do conhecimento em evolução. O tempo passado diz respeito à observação de objeto do conhecimento cuja evolução é considerada concluída. O tempo futuro refere-se a objeto do conhecimento cujo surgimento ou evolução tem probabilidade de ocorrer num tempo posterior ao presente (DOUTRINA, 2016).

A Doutrina (2016) elucida que qualquer representação de coisa ou evento não produzida pelo profissional de Inteligência é chamado de dado. Os dados úteis, depois de devidamente

avaliados pelo profissional de inteligência, dão origem a um dos quatro tipos de conhecimento de inteligência: informe, informação, apreciação e estimativa. Os conceitos de informe, informação e apreciação são bem parecidos. Os três são conhecimentos sobre coisa ou evento passado ou presente. Porém, o informe é resultante de juízos, que expressa o estado de certeza ou opinião do profissional de Inteligência em relação à verdade, enquanto a informação é resultante de raciocínio e expressa o estado de certeza do profissional. Já a apreciação expressa o seu estado de opinião. Por fim, a estimativa foge a essa similaridade porque é o conhecimento sobre a evolução futura de coisa ou evento, resultante de raciocínio, que expressa o estado de opinião do profissional de Inteligência em relação à verdade (todos os grifos nossos).

A tabela abaixo depura melhor esse conceito.

FATORES	TIPOS DE CONHECIMENTO			
	INFORME	INFORMAÇÃO	APRECIÇÃO	ESTIMATIVA
Estado da Mente	Opinião	xxx	Opinião	Opinião
	Certeza	Certeza	xxx	xxx
Formas racionais de conhecer	Juízo	xxx	xxx	xxx
	xxx	Raciocínio	Raciocínio	Raciocínio
Temporalidade	Passado	Passado	Passado	xxx
	Presente	Presente	Presente	xxx
	xxx	xxx	xxx	Futuro

Há ainda uma série de outras definições e conceitos a respeito do tema, porém, para o que se pretende este estudo, os conceitos ora apresentados são suficientes.

3.3 A ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA NO BRASIL

A Atividade de Inteligência no Brasil tem sua prática norteadada pela formulação e reformulação do corpo doutrinário por diferentes órgãos que a exerceram ao longo da segunda metade do século XX. Desde 1999, cabe à Agência Brasileira de Inteligência (Abin) a atribuição de elaborar a doutrina da Atividade de Inteligência, conforme disposto no inciso IV

do art. 4º da Lei nº 9.883, de 7 de dezembro daquele ano. Como disciplina particular, a Atividade de Inteligência é regida pela Doutrina Nacional da Atividade de Inteligência (doravante, Doutrina), que compreende um conjunto de valores, princípios, conceitos, normas, métodos e procedimentos. A Doutrina tem como fundamentos o ordenamento jurídico do Estado (brasileiro), a tradição da Atividade de Inteligência, a teoria do conhecimento, a metodologia científica e a prática da Atividade.

Ainda segundo a Doutrina (2016), a Atividade de Inteligência insere-se na estrutura burocrática do Estado e constitui instrumento de assessoria aos sucessivos governos. Contribui para o planejamento, a execução e o acompanhamento de políticas governamentais, visando à segurança do Estado e ao bem-estar da sociedade (grifo nosso). E por isso a Atividade de Inteligência, dentro de sua evolução no contexto global, foi de suma importância para os tomadores de decisão em diferentes épocas do desenvolvimento sociopolítico.

A Doutrina (2016, p. 31) diz ainda que a atividade de inteligência pode ser entendida como organização, produto, doutrina e prática ou atividade. Além disso, por meio de exercícios constantes de atos especializados, com foco na produção de conhecimentos e na proteção da sociedade e do Estado. A sua função é assessorar os sucessivos governos, respeitando os níveis e áreas de atribuição. Tal assessoria deve: identificar oportunidades e ameaças ao cumprimento das políticas de governo; planejar e executar ações que possibilitem a conquista de vantagem; a salvaguarda de conhecimentos e dados sensíveis e de pessoal, áreas, locas e meios que os tenham ou veiculem; e a prevenção, detecção, obstrução e neutralização de ações da inteligência adversa e de outras ameaças. Fundamentalmente, inteligência é “conhecer a realidade para viabilizar a ação política capaz de gerar o bem comum”.

A Inteligência atua em função da política, ou seja, do processo decisório relativo ao atendimento dos interesses da sociedade e do Estado selecionados por autoridades governamentais (DOUTRINA, 2016, P.38).

A atividade de inteligência possui dois ramos que se interligam: inteligência e contra-inteligência. O trabalho que ora será apresentado vai abordar a atividade de inteligência e não somente o seu ramo inteligência. Toda vez que este autor quiser se referir ao ramo inteligência, isto será devidamente explicitado.

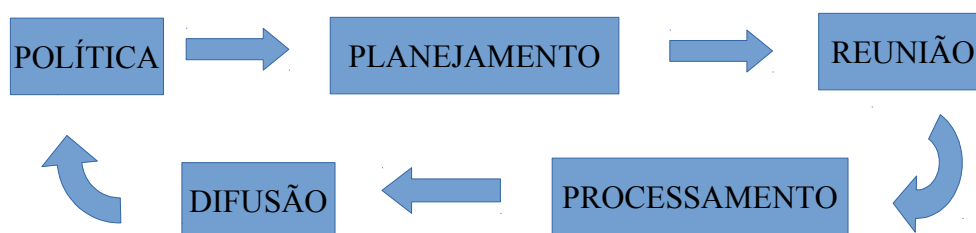
3.3.1 RAMO INTELIGÊNCIA

É o ramo, ou função, responsável pela produção de conhecimento. Suas ações²⁸ visam identificar oportunidades²⁹ e ameaças, internas ou externas, de imediata ou potencial influência sobre a ação do governo, seu processo decisório e salvaguarda da sociedade e do Estado.

Oportunidades e ameaças estão relacionados com objetivos e interesses nacionais, sendo um favorável e outro desfavorável, respectivamente, a essa conquista estratégica.

O principal objetivo da inteligência, como ramo, é a obtenção de dados e a produção e divulgação de conhecimento que, mediante a comunicação antecipada de oportunidades e ameaças, permitam obter vantagem estratégica para o país e promover a segurança da sociedade e do Estado.

Segundo Kent (1967)³⁰, as ações da inteligência tem origem e fim na política, sendo composta por cinco fases, chamado de ciclo da inteligência, conforme demonstração esquemática a seguir:



²⁸ Entendem-se por ações especializadas, no âmbito do ramo Inteligência, a coleta metódica de dados de livre acesso, o processamento dos conteúdos reunidos e a aplicação de outros procedimentos metodológicos.

²⁹ Oportunidades são condições ou fatores favoráveis, dentro e fora do país, que propiciam ganho estratégico para a consecução de objetivos nacionais.

³⁰ Cabe ressaltar que esta teoria é usada pela Doutrina.

A política informa a inteligência suas necessidades para possibilitarem seu processo decisório. Por sua vez, por meio do planejamento, a política é assimilada e se torna orientação de trabalho. A reunião é o processo de obtenção de conhecimentos e dados que contribuem para a produção do conhecimento, englobando diversos meios de obtenção, tanto os alicerçados exclusivamente em habilidades humanas quanto os embasados no emprego de meios tecnológicos. No processamento, os conhecimentos e dados obtidos são submetidos a métodos analíticos que permitem selecionar suas partes, relacioná-las, integrá-las e produzir inferências. A difusão consiste em transmitir o conhecimento produzido à política.

A abordagem de questões que interferem ou possam interferir no processo decisório requer acompanhamento sistemático das conjunturas interna e externa, visando compreender aspectos que permitam prognosticar impactos e desdobramentos de oportunidades e ameaças para o país.³¹

3.3.2 RAMO CONTRAINTELIGÊNCIA

É o ramo, ou função, responsável por desenvolver ações. Estas ações devem sempre ter como objetivo a prevenção e contraposição à atuação da inteligência adversa, seja por meio de detecção, obstrução ou neutralização. Também deve se opor a qualquer outro tipo de ação inimiga que constitua ameaça à salvaguarda de conhecimentos e dados sensíveis, pessoas, áreas e instalações de interesse da sociedade e do Estado. Contrainteligência é também definida no § 3º do art. 1º da Lei nº 9.883/1999 como “a atividade que objetiva neutralizar a inteligência adversa”.

Pela doutrina, a contrainteligência é subdividida em Segurança Orgânica e Segurança Ativa. Basicamente, uma desenvolve ações preventivas, enquanto a outra desenvolve ações ativas, porém, ambas tem o mesmo propósito: a proteção de dados sensíveis de instituições estratégicas e a proteção de infraestruturas críticas nacionais. Os conhecimentos e dados

³¹ Este conceito é de suma importância para o entendimento deste estudo.

sensíveis devem ser protegidos porque sua obtenção, revelação ou utilização indevida pode gerar tensões e prejuízos à sociedade e ao Estado e à própria Atividade de Inteligência. As infraestruturas críticas nacionais devem ser protegidas devido a sua importância para a segurança e o bem-estar coletivo.

Para efeito desta pesquisa, interessa-nos o aprofundamento do conceito de segurança ativa, que é assim definido na doutrina:

É o segmento da Contrainteligência que preconiza a adoção de medidas e procedimentos ofensivos e reativos destinados a detectar, obstruir e neutralizar a ação da Inteligência adversa e outras ações que ameacem os interesses nacionais e a segurança da sociedade e do Estado. A Segurança Ativa compreende as ações praticadas pela Contraespionagem, Contrassabotagem, Contraterrorismo e Contrainterferência.

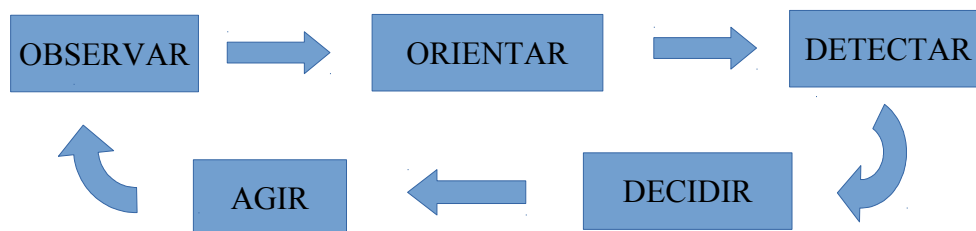
Adota-se dois tipos de ameaças à sociedade e ao Estado, perante as quais a contrainteligência visa se opor: antagonismos (intencionais) ou óbices (não intencionais). Os óbices não serão objetos de análise deste estudo.

Antagonismos são ameaças propositais, normalmente orquestradas e executadas pela inteligência adversa, que são realizadas visando a oposição aos interesses nacionais e à salvaguarda de conhecimentos e dados sensíveis. A espionagem, a sabotagem, o terrorismo e a interferência externa são exemplos clássicos de antagonismo. A contrainteligência visa se contrapor a essas ameaças.

A espionagem visa obter dados e conhecimentos sensíveis do Estado adverso. A sabotagem tem o objetivo de destruir, danificar, comprometer ou inutilizar dados, conhecimentos, materiais, equipamentos, instalações, sistemas e processos, principalmente aqueles que forem necessários ao funcionamento crítico do Estado. O terrorismo é o emprego de violência física ou psicológica, ou sua ameaça, provocadas contra civis, militares ou propriedades, buscando a intimidação, coação ou subjugação de pessoas ou de Estado adverso. A interferência externa é ação de um governo ou de grupos de indivíduos visando influenciar os rumos do Estado adverso, favorecendo seus interesses próprios. Para efeito deste estudo é importante que duas

ações de interferência externa se destacam: propaganda adversa e a desinformação. A propaganda adversa consiste na manipulação planejada da comunicação social para influenciar populações ou grupos, com o intuito de gerar comportamentos predeterminados que resultem em benefícios ao patrocinador. A desinformação é a manipulação planejada de informações, falsas e verdadeiras, para iludir ou confundir um centro decisor, visando induzi-lo a erro de avaliação.

Segundo Kent (1967), a contrainteligência, assim como a inteligência, apresenta um modo de atuação que, por ter como ponto inicial e final a mesma ação (observar), é denominado “ciclo de Contrainteligência”, composto de cinco fases:



Na fase observação são levados em consideração 3 elementos: adversário, alvo e foco. Os adversários podem ser estatais ou não. A sua observação é importante pois visa se antecipar a possível ação adversa. Os alvos precisam ser identificados considerando a sensibilidade dos conhecimentos por eles produzidos. São identificados ainda os focos, isto é, os objetos que estão sujeitos a ameaças não intencionais (óbices).

Na fase orientação estabelece-se um canal de comunicação entre o organismo de Inteligência e outras instituições identificadas como prováveis alvos e focos, com o propósito de assessorá-las na implementação das medidas de proteção necessárias.

Na detecção são feitas as averiguações das possíveis ações danosas pela análise das informações geradas na fase de observação ou fornecidas por pessoas ligadas aos potenciais alvos e focos, através do canal de comunicação aberto na fase de orientação.

A decisão é a fase que define como proceder para prevenir, obstruir ou neutralizar a ação

danosa, real ou provável.

Finalmente a ação é a fase em que a Contrainteligência adota medidas e procedimentos para concretizar o que foi decidido na fase anterior.

3.3.3 OPERAÇÃO DE INTELIGÊNCIA

A operação de inteligência é empregada em apoio a ambos os ramos da atividade de inteligência. No apoio ao ramo inteligência é empregada para a obtenção de dados negados. No apoio ao ramo contrainteligência, além da obtenção de dados negados, é empregada também na contraposição de ações adversas.

A essência das ações de operações é a atuação no campo. Quando, em sua ação no campo, operações pretendem obter dado negado, essa atuação produz coisa; quando pretendem alterar a realidade para se contrapor à ação adversa, essa atuação produz evento. Assim, a Operação de Inteligência é o mecanismo pelo qual a atividade de inteligência age no mundo que, à semelhança de outros atores, é capaz de produzir coisas e eventos.³²

Sun Tzu (2005), em seu livro *A Arte da Guerra*, diz que é sobre as operações secretas que repousa a confiança do exército em cada um de seus movimentos, por isso, elas são essenciais na guerra³³.

A doutrina (2016) ainda acrescenta que a aquisição de informações, a elaboração de conhecimentos, o ato de espionar alvos específicos, o plano de se antecipar à ação alheia a fim de se obter vantagem e de se evitar desvantagem e, ainda, de se garantir a ordem social caracterizaram, juntamente ao recurso do segredo, o desempenho estratégico da Atividade em diversas culturas.

Sobre o segredo, a Doutrina adiciona que o chamado “fator surpresa” é recurso

³² O objeto do conhecimento é considerado coisa pelo fato de o problema demandar uma abordagem que contemple o conjunto de características que lhe dá identidade; O objeto do conhecimento é considerado evento pelo fato de o problema demandar uma abordagem que contemple sua presença no espaço-tempo.

³³ Sun Tzu – *A Arte da Guerra* (2005, p.109).

frequentemente usado para tanto. Os ataques surpresa nos conflitos bélicos são uma manifestação desse fator.

Exemplificando a importância do fator surpresa, Sun Tzu (2005, p.24) narra assim:

No nono mês, Li Ching assumiu o comando das tropas e as enviou segundo esta descrição: “A rapidez extraordinária é da maior importância na guerra; não se podem desdenhar as oportunidades. Agora estamos concentrados e Hsiao Hsieh não suspeita disso. Com a vantagem de o rio estar alagado, iremos aparecer de surpresa sobre as muralhas da capital dele”.

A surpresa é, portanto, de suma importância para o sucesso das operações de inteligência, pois é “investir quando não estiver sendo esperado”.

4 A OPERAÇÃO “ÓPERA” SOB A LENTE DA DOCTRINA NACIONAL DA ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA

Neste capítulo avaliaremos a Operação Ópera sob a égide da Atividade de Inteligência. Para cada fase da operação, buscar-se-á o estabelecimento da correlação, quando houver, com os arcabouços analíticos vistos no capítulo anterior.

O terceiro capítulo apresentou os ramos inteligência e contrainteligência separadamente. Todavia, cabe ressaltar que ambos trabalham associadamente. Ao ramo inteligência é dada a atribuição de analisar dados e produzir conhecimento. Porém, numa situação como o caso estudado, os dados não estão abertamente disponíveis. Além disso, não há valia obtê-los se o oponente tiver acesso aos nossos planos. É imperativo protegê-los.

Por fim, esquadrinharemos a operação como um todo buscando mensurar o valor da atividade de inteligência na decisão da deflagração da operação.

4.1 O RAMO INTELIGÊNCIA NA OPERAÇÃO ÓPERA

Jobim (2018)³⁴, em sua aula ministrada aos oficiais alunos da turma do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores (CEMOS-2018), comentou que nenhum governante deseja tomar uma decisão importante sem ter as informações úteis e valorosas que o auxilie. Isso coaduna com o que lecionou Roth (2018)³⁵, também ao CEMOS-2018, quando disse que “a inteligência é uma assessoria”. A Doutrina (2016) ainda amplia este entendimento dizendo que a inteligência atua em função da política, buscando os interesses do Estado e a defesa e proteção da sociedade.

A partir da descoberta dos planos nucleares de Saddam Hussein no início da década de 1960, fica claro que o governo de Israel precisaria, mais cedo ou mais tarde, tomar uma decisão. A

³⁴ JOBIM, Cláudio Muniz. In: aula com o tema CONTRAINTELIGÊNCIA, 2018, Rio de Janeiro, RJ. Informação verbal.

³⁵ ROTH, Luiz Carlos de Carvalho. In: aula com o tema A ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA NO NÍVEL OPERACIONAL, 018, Rio de Janeiro, RJ. Informação verbal.

incerteza, quanto à capacidade do Iraque em produzir artefatos nucleares precisava ser eliminada. Relembrando o conceito de informação estratégica apresentado por Platt (1974), fazia-se, naquele momento, imprescindível buscar conhecer a linha de ação provável do Iraque. Observando sua função precípua, defender o Estado e seu povo, a inteligência israelense inicia sua atividade de construção do conhecimento necessário à tomada de decisão do seu governante cumprindo, portanto, seu papel de assessoria.

Na Operação Ópera ficou evidente o funcionamento do ciclo de inteligência abordado neste estudo. A política necessitava de dados e informações a respeito dos planos nucleares iraquianos. A inteligência organizou a solicitação, assimilando-a em seu planejamento. Por meio de operações de inteligência foi possível colher os dados necessários, sendo esta a fase denominada reunião. A partir de então, os dados são processados (fase processamento) e transformados em conhecimento. A fase seguinte, difusão, é transmitir o que foi produzido e analisado ao nível superior, no caso em questão o conhecimento era: a França estaria em parceria com o Iraque para o fornecimento do reator nuclear. Daí podemos destacar duas consequências:

- a continuação do ciclo de inteligência, gerando a necessidade de outras informações: tipo de reator, capacidade, tempo para operação, etc.; e
- a tomada de decisão do nível político em iniciar operações de inteligência para impedir que esta ameaça ao Estado e povo israelenses fosse concretizada.

Tal ciclo progride até propiciar a devida assessoria à decisão final do então primeiro-ministro de Israel, Begin, em bombardear a usina. Dentre os demais ciclos identificados, podemos citar: foi constatado que o tipo de reator almejado pelo governo iraquiano era o mais propício à fabricação de bombas nucleares; foi detectada uma declaração de Hussein afirmando que a usina seria usada contra os inimigos sionistas; em reuniões privadas com assessores entre 1978 e 1981, Saddam, repetidamente, declarou a necessidade de adquirir armas nucleares para

enfrentar Israel; etc.

A união dessas descobertas oportunizou à inteligência israelense constatar que o conhecimento construído tratava-se de uma verdade: o governo iraquiano pretendia produzir armas nucleares que poderiam ser usadas contra Israel. Isso, para Begin, era uma verdade. Faz-se mister, agora, relembrar o conceito de verdade, segundo a Doutrina: “concordância do conteúdo do pensamento com o objeto. É atributo que expressa a correta relação entre o conteúdo do pensamento do sujeito e o objeto”. Como vimos, o próprio presidente dos EUA declarou que “Israel pode ter acreditado sinceramente que foi uma medida defensiva”.

Definida a necessidade de ataque, novos ciclos de inteligência precisaram ser gerados a fim de obter informações valiosas à investida, tais como: proteção bélica da usina, sombra dos radares iraquianos, capacidade de retaliação da força aérea iraquiana destruída pelas forças iranianas, fotografias sobre o layout da planta da usina, espessura e material da cúpula da usina etc.

Pelo exposto, pode-se ter a consciência da real participação do ramo inteligência na produção de conhecimento a ponto deste ser reconhecido como verdade. Fica também patente que essa classificação contribuiu para a tomada de decisão do governo israelense em agir contra a construção da usina de Osirak.

A inteligência cumpriu, assim, seu pressuposto de contribuir para a proteção ao Estado e seu povo, servindo de assessoria ao nível superior.

4.2 O RAMO CONTRAINTELIGÊNCIA NA OPERAÇÃO ÓPERA

Este ramo da Atividade de Inteligência teve grande participação no sucesso da Operação Ópera. Sendo o ramo responsável pelo desenvolvimento de ações, pudemos, ao longo do capítulo 2 deste estudo, nos depararmos com diversas ações promovidas, especialmente, pelo

Mossad que, como vimos, é um dos elementos da inteligência israelense. Não adianta colhermos as informações necessárias se o inimigo estiver de posse de todos os nossos planos. Daí advém a importância da contrainteligência.

Agora sabemos que a Doutrina subdivide a contrainteligência em Segurança Orgânica e Segurança Ativa. Especificamente naquele momento, analisaremos a participação da segurança orgânica, que ficou notória em toda a campanha e foi de grande relevância para o sucesso da missão.

Cabe-nos lembrar que a segurança orgânica desenvolve ações preventivas. É o seguimento da contrainteligência que adota medidas e procedimentos preventivos para a salvaguarda de tudo que é importante ao Estado.

O primeiro momento clássico da atuação da segurança orgânica nesta Operação aconteceu antes mesmo do seu início. Ivry, que era o comandante da Força Aérea israelense à época, narrou-nos que quando foi descoberto que a operação havia vazado, o governo cancelou a operação. Contudo, o cancelamento foi fictício e seu nome foi mudado de Colina da Munição para Operação Ópera. A partir de então, foram implementadas medidas para garantir o sigilo absoluto dos planos.

O último momento, também clássico, de atuação da segurança orgânica era com relação ao sigilo dos treinamentos a que os pilotos eram submetidos. Eram realizados voos diários a baixa altura sobre o deserto. Por anos os mesmos pilotos repetiram esses voos sem, no entanto, terem sido avisado para que estavam sendo preparados. Apesar de haver suspeitas entre eles, como afirmou em entrevista Raz, líder do ataque, tudo não passava de meras suposições. Também neste momento, as aeronaves foram desdobradas para a base aérea de Etzion, na península do Sinai, e as comunicações da mesma foram cortadas para evitar possíveis vazamentos, conforme nos garante Correl (2012).

Dessa forma, a participação da Segurança Orgânica na salvaguarda dos segredos atinentes à

Operação Ópera foi superior às ações da inteligência iraquiana e francesa, os maiores interessados em descobrirem os planos de ataque israelense.

A Segurança Ativa é a ramificação da contrainteligência que visa, com ações, opor-se às ações de sabotagem, espionagem, terrorismo e interferência externa. Assim como a segurança orgânica, o foco da segurança ativa é a proteção e defesa dos segredos do Estado. Nesta campanha, pouco foi visto de atuação da segurança ativa israelense, mas, como veremos a seguir, a falta dela ao governo iraquiano e francês, teve alto custo ao desenvolvimento do projeto do reator de Osirak.

4.3 OPERAÇÕES DE INTELIGÊNCIA NA OPERAÇÃO ÓPERA

Sabemos que Operação de Inteligência é o emprego de ações especializadas para a obtenção de dados negados e a contraposição (detecção, obstrução e neutralização) a ações adversas, em apoio aos ramos Inteligência e Contraineligência. Também vimos que este tipo de operação é um mecanismo usado tanto pelo ramo da inteligência quanto pelo ramo da contrainteligência. Sob esse prisma, deduzimos que a Operação Ópera é um exemplo do emprego das operações de inteligência, o que corrobora com Ramberg (2012) que diz que a estratégia adotada por Israel era multifacetada, com campanha da mídia, sabotagem e assassinato.

Esse aprendizado é ainda mais valioso por ter informações de ex-agentes do Mossad que participaram efetivamente destas operações. A seguir, buscaremos demonstrar que a inteligência israelense atuou nos quatro campos que deveriam ter sido defendidos pela contrainteligência iraquiana/francesa: espionagem, sabotagem, terrorismo e interferência externa.

4.3.1 ESPIONAGEM

A Doutrina define espionagem como sendo uma ação deliberada que busca conseguir conhecimentos e dados sensíveis para autobenefício. Esta espionagem é feita utilizando-se pessoal, recursos eletrônicos ou ambos. Quando utilizando pessoal, a este agente dá-se o nome de espião.

Segundo Raviv (1991), há dois tipos de espiões relacionados a recursos humanos. Um deles é o elemento pátrio infiltrado no país do qual se deseja obter informações. O outro tipo de espião é o que, pertencendo ao país opositor, é recrutado pelo país que deseja o dado/informação.

Shimron (2016) disse que o Mossad recrutou informantes dentre os cientistas que trabalhavam no projeto e, com isso, mantiveram acompanhamento da evolução do mesmo. Isso foi fundamental para acompanhar a evolução do programa e definir o limite das ações a serem empregadas. Através destes elementos pôde-se chegar ao ponto culminante do nível decisório: disparar o ataque à usina pois esta ficaria “quente” até setembro.

Há ainda demonstrações de que espiões estavam infiltrados no alto nível de decisão iraquiana/francesa, haja vista que foi descoberto que o governo iraquiano, em reuniões secretas, mostrou-se interessado em reator a gás-grafite de 500MW. Além disso, as declarações de Saddam sobre a necessidade de adquirir armas nucleares para enfrentar Israel teriam sido feitas em reuniões privadas, segundo Brands (2011).

Como exemplo de espionagem utilizando-se de recursos materiais, segundo Neff (1995), os aviões de guerra israelenses voaram até o alvo guiados por fotografias aéreas fornecidas por satélites espiões dos EUA.

Apesar de haver outros exemplos da atuação dos espiões israelenses, este autor julga ser o suficiente o que ora foi apresentado. Foi por meio desses agentes que a inteligência israelense foi capaz de colher as informações faltantes à devida construção do conhecimento e que

propiciou a assessoria ao nível político com o nível de certeza que a situação exigia.

4.3.2 SABOTAGEM

Esquadrinharemos a Operação Ópera visando identificar, segundo o conceito apresentado pela Doutrina (2018), as ações deliberadas de Israel onde ocorreram a destruição, danificação, comprometimento ou inutilização, total ou parcial, de conhecimentos, dados, bens, materiais, equipamentos, instalações, sistemas e processos, com o objetivo de afetar os planos iraquianos atinentes à construção/operação da usina de Osirak.

Segundo WRMEA (1995), em 1979 o Mossad iniciou uma sequência de ações de sabotagem, sob o nome de Operação Esfinge, que visava interromper o programa nuclear iraquiano. Três bombas foram detonadas em instalações da empresa francesa de Construções Navais e Industriais de Méditerranée, explodindo núcleos de reatores que seriam enviados para as instalações do Iraque, o que atrasou o programa em, pelo menos, seis meses.

Se considerarmos como sabotagem uma ação que não seja o ataque propriamente dito, mas que tenha sido impetrada para proporcionar o sucesso do mesmo, podemos ainda verificar outros dois atos de sabotagem durante a operação.

No primeiro, para que o ataque tivesse êxito sobre a defesa aérea iraquiana, Vargas (2013), diz que informações dão conta de que o Mossad instalou uma baliza de navegação nas proximidades da usina para auxiliar os jatos. Este autor considera esse um ato de sabotagem, visto que foi uma ação deliberada que de fato comprometeu a segurança das instalações nucleares iraquianas, ainda que ela, por si só, não tenha causado dano.

Para o segundo, o autor gostaria de construir um conhecimento acerca da possibilidade de sabotagem ocorrida nos minutos que prederam o ataque. Para tal, faz-se mister relembrar alguns elementos. O Iraque estava em meio à guerra contra o Irã. A usina já havia sido atacada anteriormente pelo Irã e suas proteções haviam sido reforçadas. Vimos que, durante o

ataque, os radares estavam desligados, o que permitiu que as aeronaves se aproximassem sem serem detectadas. É de se supor, portanto, que tenha havido, neste momento, uma sabotagem por elementos infiltrados que, além de desligarem os radares, influenciaram para que os postos de vigilância estivessem desguarnecidos.

Pelo exposto, vê-se quão valioso foram as ações de sabotagem para o cumprimento do objetivo político.

4.3.3 TERRORISMO

Outro artifício utilizado por Israel para contribuir com o objetivo político foi o terrorismo. Segundo a Doutrina (2016) o terrorismo é a ameaça ou emprego premeditado de violência física ou psicológica, perpetrada contra alvos civis ou militares não combatentes ou contra propriedades, praticada por indivíduos ou grupos adversos, apoiados ou não por Estados, visando intimidar, coagir ou subjugar pessoas, autoridades ou populações, por razões político-ideológicas.

Podemos apresentar dois acontecimentos narrados no capítulo 2 desse trabalho onde o ato de terrorismo ficou evidenciado.

Como exemplo de violência física contra a pessoa, um ex-agente do Mossad, Victor Ostrovsky, declarou em entrevista que o físico nuclear egípcio, Dr. Yahya Meshad, havia sido assassinado por agentes do Mossad no seu quarto de hotel, em Paris. Essa ação teria ocorrido quando o físico foi à França para examinar o urânio altamente enriquecido que estava prestes a ser enviado como o primeiro combustível para o reator do Iraque.

Demonstrando agora a violência física contra a propriedade, em outra ação terrorista, uma sequência de explosões aconteceram nos escritórios e residências de funcionários dos principais fornecedores do Iraque, na Itália e na França: SNIA-Techint, Ansaldo MercaNico Nucleare e Techniatome.

Mostrando agora o terrorismo como violência psicológica, os funcionários das empresas francesas que trabalhavam no programa nuclear iraquiano sofriam ameaças constantes através de cartas, segundo o WRMEA (1995).

É importante acentuar que essas ações atrasaram o andamento do programa em cerca de um ano, cumprindo assim o propósito para o qual haviam sido concebidas.

4.3.4 INTERFERÊNCIA EXTERNA

Relembrando o conceito apresentado no capítulo três deste trabalho, vimos que Interferência Externa consiste na atuação deliberada de governos e outros agentes visando influenciar os rumos do Estado adverso, favorecendo seus interesses próprios em detrimento dos nacionais. Vimos ainda que estas ações se dividem em propaganda adversa e desinformação.

Podemos apresentar pelo menos uma interferência promovida por Israel no intuito de angariar simpatia da opinião pública internacional para o seu intento e, com isso, interromper o apoio francês ao programa nuclear iraquiano. Essa ação consistia em constranger a França publicamente. Propositadamente, Israel vazou informações para a mídia que caracterizava Osirak como uma caixa de Pandora de armas nucleares. A tentativa era de gerar medo e, por meio desse, pressões para que o auxílio francês fosse interrompido. Com o tempo, vendo a ineficácia do vazamento, Israel ameaçou avisar que a diplomacia fracassada poderia trazer “outras ações”.

Num exemplo de desinformação, os pilotos israelenses, previamente preparados, conversaram em árabe com sotaque saudita enquanto estavam no espaço aéreo jordaniano e disseram aos controladores aéreos jordanianos que eles eram uma patrulha saudita que havia saído do curso. Enquanto sobrevoavam a Arábia Saudita, eles fingiam ser jordanianos, usando sinais de rádio e formações jordanianas. Isso nada mais foi do que a manipulação planejada de informações falsas visando induzir a erro de avaliação os governos saudita e jordaniano.

4.4 O EFEITO DO FATOR SURPRESA

O fator surpresa é, na verdade, o emprego correto da vantagem do segredo. Intimamente ligado ao conceito de segredo existe a definição de sigilo que é restrição de acesso público a determinados conteúdos, em razão da imprescindibilidade dessa restrição à segurança da sociedade e do Estado.

A disputa entre inteligências é, na verdade, a luta pelo sigilo do outro. Um país tenta mantê-lo, enquanto o outro busca descobri-lo. Sagra-se vitorioso, na maioria das vezes, a inteligência que mantiver seu segredo e descobrir o do seu oponente. Além disso, foi visto que a utilidade de uma informação está intimamente ligada com a capacidade de utilizá-la em tempo hábil. Foi daí que surgiu o conceito de verdade oportuna, apresentado por Platt (1974).

Nesse contexto, o governo israelense se mostrou mais hábil em manter seu sigilo e descobrir os segredos iraquianos/franceses. Também deve-se levar em consideração que Israel sabia que quanto mais postergasse o ataque à usina de Osirak, maior seria a probabilidade de descoberta de seus planos e, com isso, a perda do fator surpresa, pois o valor da informação deprecia-se com o passar do tempo.

Em contrapartida, identifica-se facilmente a fragilidade das inteligências iraquianas e francesas. Mesmo com os acontecimentos que precederam o ataque, foram incapazes de descobrirem o segredo israelense acerca de suas intenções. Esta inabilidade permitiu que o ataque israelense acontecesse similar ao exemplo citado do livro de Sun Tzu: “Quando o trovão chega, não há tempo de proteger as orelhas. Mesmo que ele possa descobrir-nos, não terá tempo de fazer um plano para se opor a nós e, por certo, poderemos superá-lo”.

5 CONCLUSÃO

Neste trabalho foi estudada a essencialidade da atividade de inteligência para o sucesso da Operação Ópera. Norteando a pesquisa, fora formulada a questão: Teriam as ações de inteligência executadas por Israel, dentro da Operação Ópera, acontecido com aderência ao que prevê a doutrina da Atividade de Inteligência brasileira?

Ao longo do segundo capítulo foi sendo apresentado o desdobramento da Operação Ópera desde o seu prenúncio. Buscou-se respeitar a cronologia dos eventos a fim de identificar as necessidades de inteligência que surgiam com o desenrolar da crise. Ainda livre de qualquer conceito relacionado à doutrina de inteligência, o trabalho buscou permitir que o leitor pudesse, conforme prosseguia na leitura, deduzir onde havia ações de inteligência que estavam sendo decisivas para o desenvolvimento das ações.

Passando ao terceiro capítulo, a estrutura analítica que trata da atividade de inteligência foi apresentada. Paulatinamente, o trabalho foi iniciando o leitor nos conceitos basilares da inteligência. Foram apresentadas definições de dados, informação, conhecimentos, certezas, entre outros, que seriam fundamentais para justificar o trabalho de construção de conhecimento.

Ainda no terceiro capítulo, foi esclarecido que a Doutrina Nacional da Atividade de Inteligência subdivide a atividade de inteligência em dois ramos: inteligência e contrainteligência. Também foi esmiuçada a função e o emprego de cada um desses ramos. Isso se fez necessário de modo a permitir que o leitor, já munido do conhecimento do histórico do caso escolhido, pudesse completando, mentalmente, as lacunas deixadas na leitura do capítulo anterior e criando, assim, um conceito preestabelecido que seria importante para a crítica do quarto capítulo.

Sendo esta pesquisa sobre a atividade de inteligência e muito ter sido falado sobre construção de conhecimento, este trabalho foi escrito de modo que o leitor pudesse ir construindo seu

próprio conhecimento ao longo dos segundo e terceiro capítulos. Com isso, antes de passar ao quarto capítulo, este já teria formado por si só uma ideia, ou juízo, ou até mesmo certeza, sobre a aderência da atividade de inteligência desempenhada por Israel durante a Operação Ópera com os conceitos doutrinários brasileiros.

No quarto capítulo o autor buscou relacionar o ensinamento da doutrina com as ações dispendidas pelos agentes de inteligência israelenses. É importante alertar mais uma vez que a intenção não é verificar se as ações israelenses foram baseadas na doutrina, o que seria ilógico por várias razões, mas no intuito de constatar se houve aquiescência entre ambos.

O acompanhamento do desenvolvimento do programa nuclear iraquiano desde sua gênese pelo serviço secreto israelense foi fundamental para que o ciclo de inteligência pudesse girar de forma precisa. A cada fechamento do ciclo, o governo podia tomar uma decisão acertada e novas necessidades de inteligência eram originadas.

As informações obtidas, bem como os planos que estavam sendo criados e treinados para dar fim ao programa iraquiano eram devidamente protegidos. O êxito nesta defesa impediu que tanto o Iraque quanto a França pudessem gerar defesas aos ataques que se sucederam.

As operações de inteligência disparadas por Israel, tanto na busca de informações quanto no desmantelamento da rede inimiga, contribuíram para o atraso da prontificação da usina e, com isso, permitir o planejamento e treinamento adequados ao ataque. De igual valor tiveram as ações que antecederam o ataque propiciando que os aviões tivessem direcionamento adequado pelas balizas instaladas nas proximidades de Osirak e pelo desligamento e desguarnecimento dos radares iraquianos.

Por fim, o conjunto de informações produzidos pela inteligência israelense foi tamanha que elevou o grau de certeza do conhecimento à verdade. Tal verdade permitiu que Begin tomasse a decisão estratégica de atacar a usina, em território iraquiano, cruzando o espaço aéreo de outros dois países, independente das sanções que poderia sofrer depois da investida. Contudo,

os dados foram tão bem trabalhados que levaram o presidente dos EUA à época, Reagan, a também crer nesta verdade.

Esta pesquisa se ateve às ações de inteligência realizadas por Israel. Carece de maior investigação buscar o conhecimento de por que tamanha inanição da inteligência iraquiana e francesa em contraposição a Israel.

De igual modo, não foi objeto desta pesquisa os aspectos militares da Operação Ópera. Contudo, parece de interesse uma exploração mais aprofundada de seu planejamento e execução, em particular no que diz respeito ao emprego dos meios aéreos de Israel.

Face a tudo exposto e, agora munidos da “mais plena verdade” a respeito dos conceitos sedimentados, a hipótese criada pode ser confirmada. De fato, foi verificada aderência entre as ações empreendidas pelo serviço de inteligência israelense durante a Operação Ópera e a Doutrina Nacional da Atividade de Inteligência.

REFERÊNCIAS

- ABRAIC. Associação Brasileira dos Analistas de Inteligência Competitiva. **Glossário de Inteligência Competitiva**. Disponível em: <http://www.abraic.org.br/v2/glossario.asp> Acesso em: 22 jun. 2018.
- BÍBLIA SAGRADA. A. T. **Êxodo**. 34. ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1982. cap. 13.
- BRASIL. **Doutrina Nacional da Atividade de Inteligência: fundamentos doutrinários**. Brasília: ABIN, 2016.
- _____. Lei no 9.883, de 7 de dezembro de 1999. **Institui o Sistema Brasileiro de Inteligência, cria a Agência Brasileira de Inteligência – ABIN, e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9883.htm. Acesso em: 10 jun. 2018.
- CLAIRE, Rodger. **Raid on the Sun: Inside Israel's Secret Campaign that Denied Saddam the Bomb**. USA: Broadway Books, 2004. 1 p.
- COOPER, Tom; BISHOP, Farzad. **Target: Saddam's reactor: israeli and iranian operations against Iraqi plans to develop nuclear weapons**. 2004. Disponível em: <http://www.angelfire.com/art2/narod/opera/>. Acesso em: 09 jul. 2018.
- FRANÇA, Lessa Júnia; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas**. 8. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. 255 p.
- GRINSPAN, Jon. **Attack on Iraq's Nuke Plant**. American Heritage, 2006. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20070607210648/http://www.americanheritage.com/places/articles/web/20060607-israel-iraq-nuclear-weapons-baghdad-saddam-hussein-alexander-haig-menachem-begin-osirak-preemptive-strike.shtml>. Acesso em 8 jun. 2018.
- IRAQUE: a conexão francesa**. BBC News, [S.l.], 23 fev. 1998. decision makers and diplomacy, p. sn. Disponível em: http://news.bbc.co.uk/2/hi/events/crisis_in_the_gulf/decision_makers_and_diplomacy/58568.stm. Acesso em: 09 jul. 2018.
- KENT, Sherman. **Informações Estratégicas**. 1a ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. 1967.
- MUELLER, AvKarl P. et al. **Striking First: Preemptive and Preventive Attack in U.S. National Security Policy**. USA: RAND, 2006. 248 p.
- NEFF, Donald. **Israel bombardeia a instalação de pesquisa nuclear de Osirak no Iraque**. WASHINGTON Report on Middle East Affairs, Washington, DC, 08 jun. 1995. História do Oriente Médio, p. 81. Disponível em: <https://www.wrmea.org/1995-june/israel-bombs-iraq-s-osirak-nuclear-research-facility.html>. Acesso em: 09 jul. 2018.
- OSIRAK Revisitado**. The Jewish Press, Israel, 18 dez. 2007. FrontPage Magazine, p. 3. Disponível em: <http://archive.frontpagemag.com/readArticle.aspx?ARTID=29258>. Acesso em: 10 jul. 2018.

PARSI, Trita. **TREACHEROUS ALLIANCE: the secret dealings of israel, iran, and the united states.** 1. ed. USA: Yale University, 2007. 382 p.

PERLMUTTER, Amos, Michael I. Handel, and Uri Bar-Joseph. **Two Minutes over Baghdad.** 2nd ed. London; Portland, OR: Frank Cass, 2003.

PLATT, Washington. **A Produção de Informações Estratégicas.** 1a ed. Biblioteca do Exército e Editora Agir, Rio de Janeiro. 1974.

RAAS, Whitney; LONG, Austin. **Osirak Redux?: Assessing Israeli Capabilities to Destroy Iranian Nuclear Facilities.** The MIT Press, [S.l.], v. 31, n. 4, p. 7-33, mar. 2007. Disponível em: <<http://muse.jhu.edu/article/213649>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

RAMBERG, Bennett. **Osirak and Its Lessons for Iran Policy.** Arms Control Association, [S.l.], 02 maio 2012. Arms control today, p. sn. Disponível em: <https://www.armscontrol.org/act/2012_05/Osirak_and_Its_Lessons_for_Iran_Policy>. Acesso em: 23 jul. 2018.

RAVIVI, Dan; MELMAN, Yossi. **Todo espião um príncipe.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Ímago, 1991.

REITER, Dan. **Preventive Attacks Against Nuclear Programs And The “Success” At Osirak.** France Diplomatie, [S.l.], 02 jul. 2005. Viewpoint, p. 17. Disponível em: <<https://www.diplomatie.gouv.fr/IMG/pdf/Osirak.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

ROTH, Luiz Carlos de Carvalho. **UTI EXPLORATORIBUS: Credibilidade e Controle da Atividade de Inteligência no Brasil.** 2009. 257f. Dissertação Mestrado (Ciências Políticas), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

SIMONS, Geoff. **Iraq: From Sumer to Saddam.** USA: St. Martin's Press, 1996. p. 320.

TOY STAFF. editor. **35 years on, IAF pilots recall daring mission to bomb Saddam’s nuke reactor.** The Times of Israel, Israel, 04 jun. 2016. home page, p. sn. Disponível em: <<https://www.timesofisrael.com/35-years-on-iaf-pilots-recall-daring-mission-to-bomb-saddams-nuke-reactor/>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra: Por uma Estratégia Perfeita.** Trad. Heloísa Sarzana Pugliesi, Márcio Pugliesi. 1a ed. São Paulo: Madras: 2005.

VARGAS, André. **Ataque cirúrgico à usina nuclear de Saddam: Na primeira grande missão dos caças F-16 Fighting Falcon, Israel pôs fim a qualquer possibilidade do ditador iraquiano construir uma bomba atômica.** Aero Magazine, [S.l.], v. 1, n. 225, p. 23-36, fev. 2013. Disponível em: <https://aeromagazine.uol.com.br/artigo/ataque-cirurgico-a-usina-nuclear-de-saddam_854.html>. Acesso em: 10 ago. 2018.

WASHINGTON Report on Middle East Affairs. Washington, DC, 1995.

WEISSMAN, Steve; KROSNEY, Herbert. **The Islamic Bomb: the Nuclear Threat to Israel and the Middle East.** New York, NY: Times Books, 1981.